

PEDRO NUNES

SALACIENSE

Ao leitor

ANtes de mais desejo advertir-te, leitor de boa fé, que ao dar publicidade ao presente livrinho me não moveram propósitos hostis, mas a satisfação que a explicação da verdade proporciona, pois nada importa tanto ao matemático como a defesa da doutrina que professa e da maneira por que a alcançou.

Se é dever do homem probo não ocultar a ciência que possui, cumprindo-lhe até concorrer para que ela se torne de utilidade geral, esse dever impõe-se-lhe mais imperativamente quando vê pessoas devotadas ao estudo enredadas no erro por conduto de outrem. É o que se passa, porventura, com numerosos indivíduos, que, abalados pela autoridade de Orôncio Fineu, se persuadem de muitas coisas cuja falsidade adiante se verá nitidamente, graças à nossa esforçada diligência.

Não são muitos os erros de Orôncio, porém tão extraordinários que devem ser postos a nu; e são poucos, porque ele só erra quando ousa fazer demonstrações matemáticas, ao que raras vezes se atreve —, a menos que se designem de originais as demonstrações que, às claras e por inteiro, vai buscar a Téon e a Campano, sem todavia lhes citar os nomes. Em tais demonstrações não poderia errar, a menos que Téon e Campano houvessem errado; ora Téon evita sempre o erro, mas Campano enganou-se sobremaneira na exposição das definições do livro v dos *Elementos*, de Euclides, e, por consequência, Orôncio seguiu-lhe as passadas.

Há treze anos estive decidido a advertir epistolarmente Orôncio para que fundamentasse as suas invenções com mais prudência e madureza antes de as lançar a público; mudei, porém, de parecer, por ter considerado que isto

incumbia especialmente aos doutos que vivem na mesma cidade onde ele ensina pùblicamente as Matemáticas. Vendo, entretanto, que se não retratava, por advertência alheia ou resolução pessoal, dos erros que cometera e até lhes acrescentava novos disparates, pensei que não devia deixá-los correr por mais tempo. Destarte, intervindô, tenho em mente obviar aos referidos inconvenientes, desfazendo os erros com o mínimo de palavras, no desejo de que Orôncio me acolha com o mesmo ânimo com que acolherei quem me mostre haver errado. É próprio da debilidade humana cair amiúde no erro, e penso que disto não estou isento; julgo, no entanto, que cumpre ao homem de bem não encobrir desacertos e, mediante a luz da verdade, libertar o seu semelhante, se lhe for possível, das trevas da ignorância.

Adeus.